

Taubaté, 9,11,1911

Rangel:

Apavora-me a lonjura da tua tóca, menos pela distancia do que pelo tempo necessario para lá chegar. Não posso arredar-me daqui por mais de tres dias, e para visitar-te é preciso no minimo o dobro. O burro da canastrinha não trabalhará por minha causa\_ pelo menos por enquanto. Mas guardo o itinerario e o convite, e quando houver jeito irromperei por aí como você irrompeu em Areias. Quanto a malas, sossega; não sou parente do Jacinto Galião nem do Candido. Levo uma só, e pequena.

Muito facil\_ basta que a tua visão do Cenaculo não seja do nosso cenaculo e sim dum cenaculo teorico, epitomatico, e estará a tua consciencia em paz com os amigos que te serviram de modelos e que\_ o livro sendo cruel\_ não se reverão nele. Pinta-os sem dó, a largas espatuladas, e farás livro novo e muito vivido. E é livro necessario.

Por que? Ora, porque ha cenaculos em toda parte e em todos os tempos. O cenaculo é um tumor. Basta que meia duzia de vaidades afins se juntem e pronto\_ está ali um cenaculo em estado fetal. Nós dizemos “cenaculo”; o povo diz “panela”.

O livro que v. planeja sobre bandidos do sertão, capangas, etc., tambem é dos necessarios. O assunto foi tocado pelo velho Bernardo Guimarães e outros\_ gente de pouco realismo, e de romantismos em dose maior que o *quantum satis*. O filão está virtualmente virgem.

Uma das vantagens do romancistas brasileiro é poder lidar só com virgindades. Nenhum tema nosso tem “barriga suja”. A literatura faz *pendant* com a lavoura; ambas só lidam com matas virgens, terras virgens. Tudo está por fazer. Aqui em S. Paulo, quanto elemento de primeira ordem á espera dos Balzacs e Zolas, pedreiros que saibam assentar tijolos! A Terra Roxa, o caboclo queimador de mato, o bandoleiro *avant coureur* da civilização representada pelo colono italiano: o bandoleiro espanta o “barba-rala” e permite que o calabrês se fixe na terra grilada; a invasão italiana nas cidades\_ o Braz, e Bom Retiro; a fusão das raças nas camadas baixas\_ e na alta; o norte de São Paulo invadido pela decadencia do Estado do Rio e a migração dos fortes para o Oeste...

Mas quem pensa em escrever romance quando a senha é o pega-pega do dinheiro? Era preciso que o romance tambem dêsse dinheiro.

A ideia do livro fragmentario não é má\_ aproxima-se da *Lanterna Magica* de Th. de Banville, uma serie de quadrihos sem outra ligação entre si além da paternidade comum. Tudo serve, tudo presta, tudo é material\_ a questão toda está na fatura.

Um livro de piraquaras, entremeado de lendas ribeirinhas (como a do Minhocão do Paraíba, comparavel á

Serpente do Mar dos velhos marujos: ouvia-a contar em Queluz), a atmosfera ambiente, o cheiro da água doce, dos guapés apodrecidos; e o marasmo da vida, o sol parado das 2 horas, com cigarras, com a lombeira, com a menina estudando piano\_ batendo no piano uma escala de Czerni...

A empreender a coisa, eu faria assim: estudava o rio desde a humildade do olho d'água\_ o ovulo donde ele saiu, até que se fundisse no Nirvana de todos os rios, o mar. Acompanhava-lhe o curso todo, o despejar de todos os afluentes, e as inúmeras coisas que o rio vem criando ou modificando pelo caminho. O nosso piraquara é uma criação do Paraíba, tal qual o lambari, o taiabucú de rabo vermelho, o nhacundá pintadinho. É o homem em função do rio; acessório, portanto; matéria que o rio plasmou\_ que o rio folga nos anos de bom peixe ou esfomea nos de penúria\_ e que envenena nas enchentes, quando a água em redor do piraquara apodrece nas lagoas verdes. Dramatizar o fluir do rio, as tragédias passionais e outras ocorridas nas suas margens, os afogamentos, os desastres, etc. E para comodidade da composição, podíamos pôr toda a história na boca dum átomo de Hidrogênio componente duma molécula d'água do Paraíba, que se dissociou, abandonou o Oxigênio e foi escrever suas memórias...

Rangel: esta carta foi interrompida há dias, e desde então corri tanto de cá para lá que perdi todos os fios. É que estou me mudando para a fazenda, o que me vai tomar todo o mês. E só depois de lá bem instalado é que poderei reatar a nossa prosa sem fim. Fica pois adiada a resposta á tua última e a continuação dessa história do rio. Isso não impede que você me escreva outra, uma vez que já estás definitivamente afundado, ou encravado numa pedra, como pretendo fazer com a minha mudança para a fazenda.

LOBATO